

Cão de Castro Laboreiro, a “cor-do-monte”, autor - Pedro Santa Rita

Introdução

Caros amigos do Cão de Castro Laboreiro, desejo em primeiro lugar agradecer o convite da Dr. Paula Peneda em nome do CCCL para escrever umas linhas sobre a pelagem do CCL, em segundo lugar poder contribuir para um melhor conhecimento do CCL.

1º Facto o Cão descende do lobo, ou seja todas as “raças” de cães descendem de todas as “raças de Lobos”.

2º Historial

Historicamente o Cão de Castro Laboreiro é um mastim, e como todos os mastins do passado era e ainda é um canídeo de trabalho, um ancião guardador de gados, e de eidos (lugares Castrejos)!

Conhecido como cão do lobo (Deslobos) e do gando (gado).

O Cão de Castro Laboreiro é uma “raça” primitiva, em relação à maioria das outras “raças” caninas!

Quanto menor for a diferença entre o fenótipo/aspecto do Lobo e o fenótipo/aspecto do canídeo mais primitivo é o canídeo/“raça”!

3º Culturalmente é um cão produto da Cultura Castreja, mais propriamente da Cultura Castreja dos Montes de Laboreiro, cujo núcleo, são os limites de Castro Laboreiro, no Norte de Portugal Continental, outrora Concelho e desde finais do séc. XIX, Freguesia.

Como particularidade temos que os habitantes de Castro Laboreiro, são conhecidos no Concelho de Melgaço, desde tempos longínquos, por bocas negras ou “Os da boca negra”, em virtude do céu da boca deste cães.

O Cão de Castro Laboreiro é um mastim de média montanha, é um mastim ligeiro, ágil e dinâmico, não é um mastim de alta montanha, gigante, pesado e letárgico.

Como cão de montanha e primitivo, a sua pelagem é reflexo da sua ancestralidade e da liberdade reprodutiva, sujeito a ocasionais cruzamentos com os seus primos selvagens.

Estas hibridações eram fruto do seu modo de vida, do isolamento geográfico e reprodutivo, o que lhe imprimiu características lupinas.

O 1º estalão oficial da raça (1935) refere-o, e penso que muito bem como; “cão lupóide, tipo amastinado” e não ao contrário.

4º Como incorruptível guardador de gados, o Mastim Castrejo foi outrora indispensável e fiel companheiro na vigia e protecção dos gados e dos lugares daquelas populações raianas, quer contra predadores selvagens, quer contra estranhos.

Como qualquer bom vigia o disfarce ou camuflagem favorece o desempenho da tarefa (observar sem ser observado), para tal performance a cor da pelagem tem um papel fundamental no sucesso da função.

A melhor imagem para relacionar a pelagem do Cão de Castro Laboreiro é o lobo, por isso para mim a classificação de “pelagem lobeira” é a que melhor definição.

O lobo Ibérico e os lobos do sul da Europa (mediterrâneo) apresentam em geral pelagens não monocromáticas como suceda com o lobo preto do Canadá e lobo branco do Ártico.

A diversidade cromática do meio ambiente reflecte-se na grande riqueza cromática, de colorações e tonalidades presentes no lobo ibérico.

Por sua vez o Cão de Castro Laboreiro convivendo no mesmo meio e habitat para ter a mesma componente de sucesso não como caçador/predador mas como guardador/protector em termos de pelagem necessitava indiscutivelmente de uma pelagem equivalente quer em termos de isolamento térmico, quer em termos cromáticos, camuflagem ou disfarce na sua ocupação de guardião dos animais e dos lugares.

A pelagem do Cão de Castro Laboreiro não é uma pelagem unicolor, monocromática.

A pelagem do CCL é uma pelagem primitiva, tipo selvagem (wild type pigmentation), uma pelagem composta, policromática, heterogénea, uma pelagem mesclada, lobeira, parda, malhada (sem manchas), raiada (com ou sem raias) ou rajada (como dizem os autóctones).

Eu classifico a pelagem do Cão de Castro Laboreiro em 3 variedades *:

- O Lobeiro Claro,
- O Lobeiro Escuro,
- A “Cor-do-Monte”.

Estas expressões pretendem expressar e descrever pelagens de aparência silvestre, permitindo uma diluição na paisagem.

Surgindo como base um fundo claro, caso do lobeiro claro ou silvestre claro em que dominam os pêlos que dada a sua pigmentação e incidência da luz visível, faz com que os sinais visuais captados pelos nossos olhos e processados pelo nosso cérebro sejam interpretados e classificados como cores; cinzas, cremes, palhas.

Surgindo como base um fundo escuro, caso do lobeiro escuro ou silvestre escuro onde surgem e dominam os pêlos escuros, pretos, cinzas mais ou menos escuros.

Casos e exemplos:

Um lobeiro claro e ou um lobeiro escuro pode ter outras cores e tonalidades misturadas.

No entanto entendo que devem ser classificado pela pelagem dominante.

Um exemplar pode apresentar uma pelagem lobeira clara numa zona e lobeira escura noutra área e até também cor-do-monte no mesmo exemplar, mas considero que para classificação deverá ser destacada a pigmentação dominante, pois uma distribuição cromática proporcional é praticamente impossível.

A definição ou classificação de cor-do-monte é mais uma das características étnicas do Cão de Castro Laboreiro, uma curiosidade, uma particularidade do Cão de Castro Laboreiro em relação às outras raças caninas autóctones, um toponímio Castrejo, é uma denominação de origem Castreja.

Do meu interesse, estudos e conversas com os mais idosos e entendidos, sempre ouvi acerca desta pelagem; esses são “os legítimos, os genuínos, a verdadeira raça de Crasto”.

Para mim a definição da cor-do-monte é uma pelagem composta, uma mistura de cores e tonalidades num gradiente de distinta beleza visual, onde dominam e se misturam as colorações amarelo-acastanhadas (tipo feto seco, folhas de carvalho e de “vido” videeiro), flor do tojo e da erva Outonais, num gradiente de amarelo torrado a castanho claro ao castanho mais escuro) e avermelhadas (tipo ferrugem, cor vermelho-acastanhado, flor de urze seca, num gradiente castanho avermelhado típicas cores Outonais, também presentes em muitas variedades de cogumelos silvestres) mas no qual está mais ou menos presente os cinzas e os negros, mas nunca dominantes.

Para entender bem o que é a cor do monte basta percorrer as duas paisagens distintas de Castro Laboreiro (o monte das inverneiras e o planalto – monte das brandas), para observar o conjunto das rochas e da flora local.

Com as alterações climáticas de temperatura e fotoperíodo, a sabedoria da natureza prepara os tecidos das plantas para um novo ciclo vegetativo, reduzindo a actividade fotossintética e conseqüentemente morte das folhas, originando o surgimento de uma nova e vasta paleta cromática Outonal, bem visível nos Quercus (carvalhos) no final do ciclo anual.

Assim as cores amareladas, amarelo-torrado, o alaranjado ferrugento, o castanho avermelhado, o castanho claro ao castanho-escuro estão disponíveis e mescladas na paisagem.

Quem verdadeiramente conhece Castro Laboreiro sabe que as “cores secas” ou cores Outonais ocupam 3/4 do ano e o verde da Primavera ocupa apenas 1/4 do ano.

Sabendo que o substrato granítico e os afloramentos rochosos, revestidos de líquenes utilizam a paleta dos cinzas e negros ficamos a saber quais as necessidades cromáticas e funcionais para boa camuflagem do mastim Castrejo.

5º Geneticamente o Cão de Castro Laboreiro apresenta uma pelagem tipo “Brindle” “Wild Type”. A cor das pelagens caninas depende da presença melanina (pigmentação) tanto na epiderme como no pêlo. A melanina pode apresentar-se sob a forma de eumelanina (pretos e castanhos) e da fenomelanina (avermelhados e amarelados), estas duas formas de melanina actuam distintamente em termos genéticos, mas é muito difícil distingui-las fenotipicamente. A tirosinase é uma enzima que actua na síntese da melanina, maior quantidade desta enzima induz a produção de eumelanina (pretos e castanhos) enquanto baixos níveis de tirosinase, resulta na produção de fenomelanina (vermelhos e amarelos).

É a presença da eumelanina que origina a pigmentação escura. Esta é uma pigmentação dominante sobre a pigmentação Brindle, mas por sua vez a pigmentação Brindle é dominante sobre as outras pigmentações ou seja sobre as outras pelagens à excepção do preto.

Há muita especulação, discussão e divergência sobre o “Brindle” por parte dos geneticistas tanto em termos de nomenclatura, de transmissão e expressão.

O locus é representado por muitos por Ebr, este alelo suprime e ou mascarará a expressão e distribuição da eumelanina (pigmentação preta).

A cor “Brindle” pode variar entre “Brindle” claro e “Brindle” escuro, ou seja pode variar entre o avermelhado e/ou amarelado com algum escuro/cinza e o quase preto com vestígios de amarelo-avermelhado. No entanto todas as misturas e tonalidades são aceites como Brindle.

Nestas pelagens lobeiras há interacção entre vários génes (alguns multi-alelicos) ocorrendo por isso um complexo conjunto de influências, produzindo uma imprevisível e surpreendente expressão génica no fenótipo do animal, ocasionando complexos e vistosos padrões de pelagens.

As pelagens tipo Brindle (Lobeiras) permitem “pelagens exclusivas”, pois é impossível haver duas pelagens exactamente iguais em cores padrão e tonalidades, podendo ser consideradas como um Bilhete de Identidade Cromático.

Actualmente as pelagens escuras são ameçadoramente populares, sinal de grave e clara perda de variabilidade genética pigmentosa.

Ao contrário do passado onde eram raros os exemplares muito escuros e pretos, em relação aos exemplares populares e pretendidos com a cor-do-monte no solar da raça.

Isto mostra o peso das influências das modas e do contexto numa raça tipicamente de trabalho. O facto de que cruzamentos repetidos entre exemplares “pretos” e lobeiro escuros, provoca e concentra genes responsáveis por esse tipo de pelagem, perdendo-se com o tempo os outros genes da “gene pool” responsáveis pela riqueza e variabilidade cromática, outrora preferidas para trabalho e símbolo da cultura Castreja.

“Brindle” segundo o geneticista, Prof. Roy Robinson, # pag.116

Cor	Genótipo
Preto	As - Ebr
Brindle	Ay - Ebr
Brindle escuro	Asa - Ebr
Preto e Brindle	Atat - Ebr

“Brindle” postulated by C. Little

K	dominant black; same as A ^s in agouti locus
k ^{br}	Brindle
k	wild type, no brindling

Outros autores:

Ea	Preto (dominante)
Em	Brindle com máscara negra
Eb	Brindle
E	wild-type (dominante)
e	Amarelado

Concluindo

A cor-do-monte é uma pelagem actualmente em extinção, altamente ameaçada assim como a sua função de outrora.

Longe das modas e das preferências dos circuitos de beleza, é reveladora também do desinteresse e da perda do gosto e do orgulho Castrejo.

A “velha” cor-do-monte surge assim em raros sobreviventes e resistentes geralmente em exemplares de idade avançada, em locais muito dispersos e raramente valorizada pelos seus proprietários.

È pois urgente adquirir a consciência do contexto e das tradições em que o mastim de Castro Laboreiro evoluiu.

A cor-do-monte revela um equilíbrio cromático entre a flora existente e os Montes Laboreiro ao longo das estações do ano, proporcionando ao Cão de Castro Laboreiro uma camuflagem doméstica equivalente ao seu irmão selvagem.

A complexa e harmoniosa sinfonia colorações e tonalidades presentes na cor-do-monte do Cão de Castro Laboreiro são fruto da sabedoria da mãe natureza aprovada pelos autóctones, os Castrejos ou Crastrejos.

A magnífica pelagem cor-do-monte é sem dúvida um ex-libris de beleza e de adaptabilidade cromática e genética ao meio ambiente, sendo por alguns considerado uma característica de qualidade étnica, de tradição, de elite Castreja.

* fruto do entendimento e esclarecimento com os autóctones de Castro Laboreiro.

Referencias:

- Castro Laboreiro Livestock Guardian Dog Web Site
<http://www.geocities.com/mop07231/index0.htm>
- Pelagens do Cão de Castro Laboreiro, Publicação da AAC-CCL, 1995
- Canine Genetics, Cornell University 1997 and 1999
- # Robinson, Roy. Genetics for dog Breeders. Pergamon Press 1990
- Estalão da Raça do Cão de Castro Laboreiro. Livro Português de Origens (LOP). Club dos Caçadores Portugueses 1935

Este artigo foi solicitado pela presidente do CCCL ao autor, tendo o mesmo remetido o artigo com fotos para o CCCL. O artigo nunca foi publicado pelo CCCL, nem foi dada qualquer satisfação ao autor.

O artigo foi publicado posteriormente no Jornal Porto dos Cavaleiros, propriedade do NPML, www.monteslaboreiro.com